Dia 29 — Santa Marta, Virgem

Entre as santas mulheres que seguiam a Jesus Cristo e faziam aberta profissão de ser discípulas suas enquanto esteve nesta vida mortal, foi uma das privilegiadas Santa Marta, sendo igualmente das mais distintas, não só por sua qualidade e pela classe a que pertencia entre os judeus, mas particularmente por ter abraçado o estado de virgindade em que perseverou constante toda a vida.

Na de sua irmã Santa Maria Madalena já se disse que era de distinto nascimento, tanto por sua nobreza como pelos grandes bens que havia herdado de seus pais, tocando-lhe nas partilhas as possessões vizinhas a Jerusalém e, entre elas, a casa ou castelo de Betânia. O Evangelho constantemente a nomeia sempre a primeira, e por isso se crê que era a irmã mais velha da família; pelo menos era a que levava o principal peso da administração e do governo. Era seu caráter um gênio doce e amigo de fazer o bem; um juízo maduro e exemplar, com uma circunspecção e uma modéstia que a faziam amar e respeitar. Universalmente estava reputada por uma donzela de grande mérito e, assim em Jerusalém como em Betânia, tinha-se geral veneração a sua virtude. Estando sua alma tão bem disposta, sem dificuldade reconheceu a Jesus Cristo por Messias verdadeiro e gostou de sua doutrina. Apenas o ouviu, fez profissão de ser uma de suas mais fiéis discípulas. Com efeito o foi; e a fervorosa ânsia com que ouvia seus sermões, a docilidade com que seguia seus conselhos, a fidelidade com que punha em prática suas divinas lições e a piedade com que se dedicou inteiramente ao serviço do Salvador, tudo contribuiu para elevá-la em pouco tempo a uma eminente santidade.

Ouvindo os elogios que de quando em quando fazia o Senhor da virgindade e vendo quanto lhe agradava esta admirável virtude, muito cedo se determinou a não admitir jamais outro esposo que o Esposo das virgens; e, como era tão constante em ouvir suas divinas instruções, praticou muito em breve o mais elevado e o mais perfeito do Evangelho. Entregou-se, pois, à solidão e ao retiro, renunciadas as vaidades do mundo; e, como seu irmão Lázaro era já um dos discípulos do Salvador e a conversão de sua irmã Madalena, na qual nossa santa não teve pouca parte, havia sido de tanta edificação a todos, o castelo de Betânia converteu-se, por dizê-lo assim, como num pequeno mosteiro. Nele se observava em tudo certa ordem, e tudo respirava devoção. Ocupava-se o tempo na oração, na leitura, no trabalho e em obras de caridade; pelo que a casa de Betânia era a hospedagem ou o hospício do Salvador em suas viagens.

Chegou em certa ocasião a Betânia o Filho de Deus, voltando de suas tarefas evangélicas; teve Marta notícia de sua vinda e, saindo a recebê-lo, suplicou-lhe com instância que se dignasse não admitir outra hospedagem que a de sua casa. Aceitou a oferta o Salvador, como quem tinha tão conhecida a virtude daquelas duas fervorosas discípulas. Não é fácil explicar o gozo de toda aquela

afortunada família. Marta, que governava a casa, tomou a seu cargo a disposição de tudo e por suas mesmas mãos quis preparar e cozinhar a comida a seu amado Mestre; o soberano hóspede não deixou de reconhecer a grande caridade e o fervoroso amor das duas irmãs, recompensando-as liberalmente com sua doce conversação e com as abundantes graças que derramou no coração daquelas duas santas almas.

Maria Madalena, arrebatada toda de gozo por ver em sua casa seu divino Salvador, e faminta de suas instruções, cuja doçura havia gostado mais de uma vez e cujo proveito havia experimentado, achava tanto gosto em ouvi-lo que foi sentar-se a seus pés para não perder nem uma só palavra. Marta só podia perceber algumas, e essas com pouca tranquilidade. Estava tão afanada em regalar seu divino Mestre e os de sua comitiva que andava de um lado para outro dando suas ordens, já nisto, já naquilo, e mostrava um pouco de inquietação e ressentimento de que sua irmã a deixasse só e não a ajudasse em nada. Com a ânsia de que nada faltasse na mesa e parecendo-lhe que ela só não podia atender a tudo, deu suas queixinhas ao Salvador: disse-lhe, pois, com respeito e com modéstia, mas de um modo que não deixava de mostrar alguma inquietação: «Senhor, não reparais que minha irmã me deixa trabalhar só, sem pôr a mão em nada? Suplico-vos que lhe mandeis que venha ajudar-me.»

A resposta que o Senhor lhe deu foi um mistério e ao mesmo tempo uma lição de muito ensinamento para a vida espiritual: «Marta, Marta, muito cuidadosa andas e muito solícita. Na verdade louvo tua solicitude em servir-me, mas condeno tua inquietação; tudo o que turba a alma a dissipa; e toda dissipação do coração e do espírito me desagrada; é preciso servir-me com fervor; mas em meu serviço nunca se há de perder a paz do coração. Tu te atormentas inutilmente e queres fazer demasiado; não é preciso tanto para minha comida, basta um só prato. Tua irmã Maria está melhor ocupada que tu; embora não trabalhe com as mãos, não está ocioso seu espírito em meio de mostrar-se tão tranquilo; está fazendo agora o mesmo que há de fazer por toda a eternidade; serve-lhe de regalo minha conversação, e nela goza o mais delicioso que podem gostar os homens e os anjos; dela se há de alimentar eternamente, e ninguém lha poderá tirar.»

Aproveitou-se maravilhosamente Santa Marta de uma doutrina tão espiritual e tão perfeita, a qual, sem diminuir seu apressado ardor em servir ao Salvador do mundo, a animou com um espírito interior que fez mais pura e mais meritória sua virtude da hospitalidade. Não se contentou com dispor-lhe a comida; quis também ter a honra de servi-lo à mesa e, acabada esta, tocou-lhe sua vez, e teve o consolo de gozar devagar de sua divina conversação.

Não foi esta a única vez que Jesus Cristo honrou com sua presença aquela ditosa casa. Sempre que transitava por Betânia hospedava-se nela, e por isso disse o evangelista que esta santa família era a querida do Salvador; por isso, logo que adoeceu Lázaro, deram-lhe parte as duas irmãs desta novidade. Achava-se o Senhor na Galileia quando chegou o expresso com a notícia de que morria aquele seu amado discípulo; dilatou dois dias sua partida muito de propósito, para ter ocasião de fazer com ele o maior de seus milagres. Quando Cristo chegou, já havia quatro dias que Lázaro estava enterrado. Haviam concorrido muitas pessoas do contorno a consolar Marta e Maria e a dar-lhes os pêsames da morte de seu irmão; mas seu maior consolo o esperavam de outra parte, e só Jesus podia enxugar suas lágrimas.

Com efeito, logo que Marta teve notícia de que se aproximava, deixou prontamente sua irmã e saiu-lhe ao encontro. Apenas o viu, banhada em lágrimas, disse-lhe: «Senhor, se tivésseis estado aqui, não teria morrido meu irmão; mas não desconfio de vê-lo ressuscitado, porque sei que Deus não te pode negar coisa que peças.» «Estás certa — respondeu Jesus — de que teu irmão ressuscitará?» «Sim, Senhor — replicou Marta —, segura estou de que ressuscitará no dia da ressurreição geral com todos os demais que morreram desde o princípio do mundo.» Querendo então o Senhor fortificar mais e mais a fé e a confiança de Marta, disse-lhe que, estando tão segura de seu amor como estava, devia esperar que antes daquele dia restituiria a vida a seu irmão; que não ignorava que tinha poder para fazê-lo; que obrava os milagres por sua própria virtude, sem ter necessidade de pedir nada a ninguém; e, enfim, que os mortos conheciam muito bem sua voz, que a respeitavam e a obedeciam como voz de seu soberano dono, autor supremo da vida. «Ignoras porventura — acrescentou o Salvador — que eu sou a ressurreição e a vida e que os que creem em mim viverão eternamente? Marta, crês nisto?» «Sim, Senhor, sim — respondeu a santa —, creio firmemente tudo quanto tu dizes, porque estou bem persuadida desde muitos dias de que tu és o Messias, único Filho de Deus vivo que esperamos e que enfim vieste ao mundo, como estava profetizado que havia de vir o Messias para salvar os homens.» Não parece menos sublime nem menos generosa esta confissão que a que o Pai Eterno inspirou a São Pedro e lhe mereceu aqueles eminentes privilégios e singulares favores com que o honrou o Senhor; e, se as lágrimas de Madalena, que já estava presente, avisada por sua irmã, o moveram à ressurreição de Lázaro, não teria nela menos parte a generosa e viva fé de Marta. Mandou efetivamente Jesus remover a pedra que fechava a entrada ou a boca do sepulcro; e, como Marta lhe dissesse que, havendo já quatro dias que estava encerrado, não poderia deixar de exalar mau odor, «não temas — respondeu-lhe o Salvador — e lembra-te do que te disse: que se tinhas fé, logo verias o motivo de tua dor convertido em assunto de muita glória para Deus e de admiração aos homens.»

Teve Marta fé, e obrou-se o milagre. Fácil é imaginar quanto seria o gozo das duas santas irmãs quando viram ressuscitado seu irmão e quanto cresceria sua ternura e sua inseparável adesão à pessoa do Salvador. Desde então não o perderam de vista, sobretudo durante o tempo de sua paixão. Foi Marta uma daquelas santas mulheres que seguiram a Cristo até o Calvário e, depois de morto, não se apartaram de sua aflita Mãe. Cada dia se mostrava Marta mais obsequiosa e mais amante desta Senhora; assistia-a com seus bens, servia-a com respeito e tributava-lhe muitos obséquios. Não menos fervente e generosa que Madalena, concorreu com ela ao sepulcro para render ao corpo do Salvador as últimas honras; e também teve a ventura de ser das primeiras pessoas que o viram depois de sua ressurreição, assistindo a suas instruções e recebendo cada dia novas graças.

Depois que o Senhor subiu aos céus, não se apartou Santa Marta do lado da Santíssima Virgem até a vinda do Espírito Santo, cujos dons recebeu no cenáculo; e também teve parte na perseguição que se suscitou contra os discípulos de Cristo, sendo desterrada da Judeia. Não podendo os judeus sofrer a presença de Lázaro, porque era um milagre visível e um testemunho animado da divindade daquele a quem eles haviam dado morte ignominiosa, e não se atrevendo a tirar-lhe a vida por temor de que pela segunda vez fosse ressuscitado com maior afronta sua, tomaram o meio-termo de meter toda aquela santa família num navio sem mastros, sem leme, sem velas e sem aparelhos, parecendo-lhes o melhor arbítrio para desfazer-se dela o expô-los nesta conformidade à mercê dos ventos e das ondas; mas a divina Providência os havia destinado para a

conversão de uma nação a quem amava muito. Já se disse na vida de Santa Madalena como o navio chegou milagrosamente ao porto de Marselha e as insignes conversões que fez aquela bem-aventurada tropa num povo que o mesmo milagroso arribo do navio dispôs admiravelmente para ser ouvido com respeito e com assombro.

É antiga e respeitável tradição, autorizada ao parecer pela mesma Igreja, que Santa Marta anunciou a fé de Jesus Cristo em Marselha, em Aix, em Avinhão e em toda a baixa Provença, convertendo muitos em todas as partes. Diz-se que, explicando aos povos de Avinhão as verdades de nossa santa religião, um moço que estava na outra parte do Ródano, desejoso ansiosamente de ouvi-la, quis passar o rio a nado; mas, arrebatado pela rapidez da corrente, ficou submerso e afogado: deram notícia à santa desta desgraça; e, mandando a uns pescadores que tirassem o cadáver, depois de uma breve oração restituiu-o à vida.

Fez grande ruído este milagre; e, movidos dele, assim os vizinhos de Tarascon como os povos comarcãos acudiram a nossa santa implorando seu favor para que os livrasse de um monstruoso dragão que tudo devorava e assolava toda a campanha. Como a santa não tinha outro fim que o da glória de Jesus Cristo e a salvação das almas, conheceu que um milagre faria impressão no ânimo daqueles gentios. Passou o rio Durança, meteu-se num bosque próximo e achou o dragão que estava devorando um homem. Fez o sinal da cruz, borrifou-o com algumas gotas de água benta, atou-o com seu mesmo cinto e levou-o à cidade como se fosse um cordeiro. Atônito o povo, acudiu a ver a maravilha e, depois de ter matado o dragão a pauladas e a pedradas, arrojaram-se todos aos pés da santa, pedindo-lhe que não os abandonasse. Como Santa Marta sabia que sua irmã Madalena se havia retirado ao deserto do santo Bálsamo, ela escolheu para sua morada o que estava junto à cidade de Tarascon e se chamava o Bosque Negro. Logo acudiram à santa muitas donzelas que havia convertido, resolvidas a ser suas companheiras. Diz-se que edificaram um mosteiro, onde aquelas castas esposas de Jesus Cristo viviam como anjos, sob a direção da que havia sido hóspeda e discípula do Salvador.

Mas, querendo enfim o Senhor premiar sua hóspeda e sua serva, revelou-lhe o dia de sua morte, como também que sua irmã Madalena gozava já no céu da glória. Por espaço de um ano exercitou sua paciência e aumentou seus merecimentos uma febre lenta; e, sabendo que era já chegada a hora de voltar a juntar-se com seu divino Salvador, mandou que a lançassem sobre umas cinzas em presença de suas filhas e, exortando-as à fiel perseverança, passou tranquilamente ao descanso do Senhor pelo ano 68 ou 70 de Jesus Cristo, tendo, ao que se crê, 65 de idade.

Seu corpo foi trasladado à cidade, segundo a opinião dos que sentem que o mosteiro estava fora dela, embora outros julguem que o lugar subterrâneo onde se venera hoje em dia era a capela ou o oratório do mesmo mosteiro. Seja o que for disto, é certo que é muito magnífica a tal capela subterrânea em que, segundo a tradição, se venera o santo corpo. Sobre ela está fundada a igreja colegiada dedicada à mesma santa, a qual dotou ricamente o rei Clóvis, tendo sarado de um forte mal de rins pela intercessão de Santa Marta; e Luís XI lhe presenteou um busto de ouro em que está engastada sua santa cabeça. Todavia se conserva na capela subterrânea, magnificamente adornada pela piedosa liberalidade de Monsenhor Marini, arcebispo de Avinhão, o antigo sepulcro da santa, perto de um poço cujas águas se diz que saram febres. O certo é que as milagrosas curas que cada dia se experimentam no sepulcro de Santa Marta por intercessão desta grande serva de

Deus acreditam visivelmente o muito que pode com o Senhor e atraem àquele santuário um grande concurso de gente. É Santa Marta protetora dos que se empregam em ministérios exteriores.

Martirológio Romano

Em Tarascon, na Gália Narbonense, Santa Marta, virgem, hóspeda de Nosso Senhor e irmã de Santa Maria Madalena e de São Lázaro.

Em Roma, na via Aurélia, São Félix II, papa e mártir, que, expulso de sua cadeira em defesa da fé católica por Constâncio, imperador ariano, morreu glorioso em Cerveteri da Toscana, degolado em segredo. Seu corpo foi levantado dali por seus clérigos e enterrado na mesma via; mas, andando o tempo, foi trasladado à igreja de São Cosme e São Damião e achado debaixo do altar pelo papa Gregório XIII, com as relíquias dos santos mártires Marcos, Marceliano e Tranquilino. Na véspera das calendas de agosto foi novamente depositado no mesmo lugar com as mesmas relíquias. No dito altar se acharam também os corpos dos santos mártires Abundo, presbítero, e Abundâncio, diácono, que algum tempo depois foram levados solenemente, na véspera de sua festa, à igreja da Companhia de Jesus.

Também em Roma, no caminho de Porto, São Simplício, São Faustino e Santa Beatriz, mártires no tempo do imperador Diocleciano. Os dois primeiros, depois de vários suplícios, foram condenados à pena capital, e sua irmã Beatriz, sufocada no cárcere onde estava pela confissão de Jesus Cristo.

Além disso, no mesmo lugar, Santa Lucila e Santa Flora, virgens, São Eugênio, São Antonino, São Teodoro e dezoito companheiros, os quais padeceram todos juntos um glorioso martírio sob o imperador Galiano.

Em Gangres, na Paflagônia, São Calínico , mártir, o qual, depois de açoitado com varas e atormentado de outros modos, foi por fim lançado num forno, onde rendeu a alma a Deus.

Na Noruega, Santo Olavo , rei e mártir.

Em Troyes, na França, São Lupo, bispo e confessor, que foi à Inglaterra com São Germano para impugnar a heresia dos pelagianos, e o mesmo com sentidas razões preservou Troyes do furor de Átila, que devastava toda a Gália. Por último, o santo morreu em paz depois de ter cumprido admiravelmente todos os deveres do episcopado.

Na cidade de Saint-Brieuc, São Guilherme, bispo e confessor.

No dito dia, a morte de São Próspero, bispo de Orléans.

Em Todi, São Faustino, confessor.

Na cidade de Mâmia , Santa Serafina.

Em Dol, na Bretanha, São Genevé , bispo regionário, superior do mosteiro de Dol depois de São Budoc .

Em Roma, o martírio de Santa Serápia. Perto da mesma cidade, os santos mártires Abseodo e alguns outros.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster; ut sicut de beatæ Marthæ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi-nos, ó Deus, salvação e vida nossa, para que, assim como a festividade de vossa bem-aventurada virgem Santa Marta nos enche de uma santa alegria, assim também nos consiga uma piedosa devoção. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Nota

«Nesta segunda epístola que escreve São Paulo aos coríntios faz sua apologia contra os falsos profetas; dá-os a conhecer pelo que são e lastima-se da néscia credulidade dos que os ouviam como a oráculos; e, porque se louvam a si mesmos descaradamente, diz-lhes que ninguém se deve gloriar senão no Senhor.»

Reflexões

O que se gloria, glorie-se no Senhor. Quando se considera atentamente qual é o objeto de nossa ambição, em que consiste e que substância tem a glória por que se anseia, conhece-se bem a pobreza do homem, a baixeza de seu espírito e o apoucamento de seu coração; porque ao fim, de que se faz glória no mundo? De um nascimento nobre, de um nome ilustre, de contar muitos homens grandes entre seus antepassados; faz-se vaidade de possuir grandes bens, de gozar gordas rendas, de viver num suntuoso palácio, de ter magníficas carruagens, de ser discreto e desenvolto, de brilhar numa conversação. Uma mulher faz vaidade de suas galas, de sua bizarria, de sua formosura e muitas vezes de ser conquistadora e cortejada. Faz-se vaidade da destreza no jogo, do primor no baile, dos talentos, da sabedoria, da erudição; enfim, de tudo o que a cada um pode distinguir dos demais. Ora, pois, miremos de perto estes objetos, e por sua pequenez, por sua insubstancialidade e por sua pouca consistência faremos juízo de nossos erros e de nossa extravagância. Para gloriar-se e louvar-se é preciso supor algum mérito; porque seria notória loucura fazer vaidade do que não temos ou do que são defeitos verdadeiros. Pois que mérito comunica a um homem que nenhum tem pessoal a virtude de um avô que, se voltasse ao mundo, o desconheceria por descendente seu? Que mérito comunica a um néscio uma longa série de ilustres antepassados? Esses retratos antigos que te estão pondo à vista o valor e a virtude de teus pais, pegam-te algo daquelas grandes almas? Pode haver necedade mais lastimosa que gloriar-se de que se lê nas histórias o nome de sua casa, de que seus ascendentes foram valorosos, esforçados, retos e virtuosos? Onde há glória mais estranha nem que nos caia mais por fora? E que mérito dão as ricas possessões, fruto da indústria, e talvez da injustiça, dos que tas deixaram? Essas grandes ganâncias e essas fortunas rápidas serão motivo digno para gloriar-se e para envaidecer-se? É verdade que te tiraram do pó, que te elevaram ao cume e talvez a tanta altura que a cabeça te anda à roda; mas dão algum mérito a quem só se serve de seus bens para ser pior? Uma dama moça, muito pagada de sua formosura e de seus diamantes, terá muita razão para envaidecer-se? A formosura mais consiste na imaginação que na realidade; está dependente dos gostos; e por outra parte, que coisa mais frágil? É uma flor que qualquer acidente a murcha, e a idade necessariamente a acaba. Uma febre de vinte e quatro horas basta para desfigurar inteiramente a mais cabal formosura; e de coisa tão caduca poderá gloriar-se alguma mulher de entendimento? Pelo menos será glória bem superficial, glória bem vã, pois toda a sua formosura consiste em alguns traços mais ou menos delicados, postos em melhor ordem, que qualquer ligeiro acidente descompõe e desconcerta. Não é mais sólido o mérito de um vestido magnífico, de uma

ostentosa gala; separando a um lado o artifício e a habilidade do alfaiate e lançando a outro o valor do tecido, que substância de glória restará a uma mulher ou a um homem cujo mérito todo consiste no vestido? Enfim, algum mérito dão os talentos e o engenho; mas, se esse engenho e esses talentos não estão acompanhados da virtude e da inocência, em que se fundará a glória? Não há demônio que não tenha cem vezes mais entendimento que o homem mais sábio e mais capaz. Por outra parte, *que tens que não tenhas recebido*, diz o Apóstolo; *e, se o recebeste, de que te glorias?* De tudo o dito é forçoso concluir que só na virtude consiste a verdadeira glória; e que o que se queira gloriar só se há de gloriar no Senhor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas.

Lucas 10,38-42

> **Latim:** 38 Factum est autem, dum irent, et ipse intravit in quoddam castellum : et mulier quædam, Martha nomine, excepit illum in domum suam, 39 et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum illius. 40 Martha autem satagebat circa frequens ministerium : quæ stetit, et ait : Domine, non est tibi curæ quod soror mea reliquit me solam ministrare ? dic ergo illi ut me adjuvet. 41 Et respondens dixit illi Dominus : Martha, Martha, sollicita es, et turbaris erga plurima, 42 porro unum est necessarium. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.

Português: 38 E aconteceu, que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em huma aldeia: e huma mulher por nome Martha, o hospedou em sua casa: 39 e esta tinha huma irmãa chamada Maria, a qual até sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. 40 Martha porém andava toda affadigada na contínua lida da casa: a qual se apresentou diante de Jesus, e disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmãa me deixasse andar servindo só? dize-lhe pois que me ajuda. 41 E respondendo o Senhor lhe disse: Martha, Martha, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas cousas. 42 Entretanto só huma cousa he necessaria. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.

Meditação

Que, falando com propriedade, uma só coisa é necessária

Primeiro ponto

Considera que entre tantas coisas como nos ocupam, nos inquietam e nos fatigam nesta vida, uma só, falando com propriedade, uma só é absolutamente necessária; esta é conseguir a salvação. Tenha-se feito bem tudo o mais; obrigações do estado, negócios da maior importância, comércio lucrativo, comissões de muita honra, grandes empregos, cargos consideráveis; ainda que tudo isto se tenha desempenhado com a maior felicidade, se não se logra a salvação, nada se fez, empregou-se inutilmente o tempo, estragou-se a saúde e consumiram-se os dias em vão. Não é este um piedoso pensamento das almas devotas e timoratas, é uma verdade eterna, é o que todos pensaram e todos sentirão por toda a eternidade. Não nos enganemos voluntariamente; ainda antes que chegue a eternidade, todos convimos neste ponto. Esses grandes do mundo, essas gentes de negócios, esses mesmos homens que só atendem a seus interesses e a seus gostos, essas mulheres profanas, empregadas total e unicamente em bagatelas; todos e todas, antes de morrer, conhecem que seu grande e seu único negócio é o negócio da salvação. Meu Deus, que arrependimentos e que lágrimas custará algum dia este conhecimento! Com que dor, com que desesperação se verá por toda a eternidade que o que em vida foi objeto de nossos desejos, matéria de nossos cuidados e de nossos afãs não merecia sequer nossa atenção! Que dor, quando se verá que o que chamávamos obrigações de boa criação, ocupações indispensáveis, negócios de importância, em sua maior parte eram vãos entretenimentos, e que do negócio da salvação não se fez caso, deixando-o para o fim da vida como se fosse o menor de todos os negócios e nem ainda tratando-o como negócio; quando se verá, digo, que este era o único negócio que merecia toda a nossa atenção e pedia toda a nossa aplicação e vigilância! Contudo, este grande negócio se pospôs a todos os gostos, a todas as diversões e a todas as inutilidades da vida; para tudo houve tempo menos para trabalhar na salvação; quis-se mais perdê-lo, malogrando-o numa tediosa ociosidade, em não fazer nada, que empregá-lo em pensar e em trabalhar para aquela; tudo se nos figurou indispensável: diversões, entretenimentos frívolos, visitas escusadas, tudo pareceu necessário menos aplicar-se ao negócio da salvação; e entretanto tudo foi inútil, tudo se perdeu se não se saiu bem deste negócio. Ah, meu Deus, que amargos são estes arrependimentos quando chegam tão tarde!

Segundo ponto

Considera que de nada serve ao homem ganhar todo o mundo se perde sua alma. Que coisa poderá dar em equivalente a esta grande perda? De que servem agora àqueles homens que meteram no mundo tanto ruído, que brilharam nele com tanto esplendor, se ao cabo se condenaram? De que servem àqueles heróis de seus séculos, àqueles imperadores, àqueles reis e àqueles príncipes diante de quem tudo se inclinava, a cuja satisfação e a cujos gostos tudo contribuía, de que lhes serve agora aquela magnificência, aqueles tesouros, aquela glória, se ardem, se raivam, se desesperam no inferno em meio das vorazes chamas? Nada lhes faltou de quanto podia contribuir para sua glória, seu poder, sua grandeza; deram batalhas, conseguiram vitórias, tomaram praças, conquistaram reinos inteiros; em tudo estabeleceram a boa ordem e a polícia; nada omitiram do que convinha a sua glória; mas não trabalharam no negócio de sua salvação; chegou a morte antes que chegasse sua conversão; ganharam todo o universo e

perderam sua alma; pois tudo perderam. Esses homens entregues a sua fortuna e a seus interesses; esses homens sempre ansiosos e sempre famintos não viveram ociosos; foi sua vida uma contínua agitação, um perpétuo bulício, trabalho e movimento; sacrificaram seu descanso, sua saúde e sua mesma vida a sua fortuna; lograram-na, morreram ricos, com imensos bens, mas os deixaram; e, se não morreram em graça de Deus, morreram pobres; todos os seus afãs se consideram como sonhos. Não estiveram no mundo para ser ricos, mas para fazer-se santos; isto era o único necessário: abandonaram este negócio e nada fizeram. Essas pessoas consagradas a Deus que, por entregar-se única e seguramente ao cuidado de sua salvação, fizeram tão grandes sacrifícios, deixando o mundo; essas pessoas religiosas que desmentiram seu primeiro fervor; que depois de seus primeiros passos pararam no caminho, que adormeceram e se divertiram, que, por ter vindo o esposo quando iam buscar azeite para encher as lâmpadas, por não ter feito a tempo a provisão do único que era necessário, foram condenadas e tudo perderam, que dirão, que pensarão agora?

Ah, Senhor, e que seria de mim se fosse este o último dia de minha vida! Até agora não pensei no único que me era necessário, pelo que perdi o tempo e o trabalho; mas, Deus das misericórdias, pois te dignaste sofrer-me até aqui, digna-te também assistir-me com tua graça para que sejam eficazes os propósitos que faço de não trabalhar de hoje em diante em outra coisa que no negócio de minha eterna salvação.

Jaculatórias

> *Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Mt 16.

De que serve ao homem ganhar todo o mundo, se perde sua alma?

> *Quid proderit homini de universo labore suo?* Ecl 2.

Que proveito tirará o homem de todos os seus trabalhos, se se condena?

Propósitos

1. Há poucos ociosos; todos querem trabalhar, todos estão ocupados; mas por desgraça a vida da maior parte dos homens se gasta e se consome em ninharias e em inutilidades. Que se diria de um embaixador encarregado dos negócios de seu soberano que empregasse todo o tempo de sua embaixada fora da corte do príncipe com quem ia tratar, entregue inteiramente ao estudo da

música ou ao dos pontos infinitamente divisíveis? Na verdade não estaria ocioso; mas far-se-ia juízo de que não havia perdido o tempo, de que o havia ocupado bem, e admitir-se-ia por legítima a escusa de que na verdade não havia pensado no que se havia posto a seu cuidado, mas que havia aprendido a música? Não se teria com razão este homem por louco e por extravagante? Mas somos nós mais cordatos que ele? Estamos neste mundo unicamente para trabalhar no negócio importante, delicado e espinhoso de nossa salvação; qualquer outro negócio que este é pura perda de tempo, entretenimento pueril. Examina desde logo se te achas neste caso; olha em que te tens ocupado até agora, que tempo tens empregado no negócio de tua salvação; ele te pedia não menos que todo o tempo; conta, calcula quantos dias, quantos meses e quantos anos tens empregado nele.

2. Não te contentes com dizer e confessar que até agora nada fizeste neste negócio. Se desde hoje não começas a trabalhar nele, amanhã nada terás adiantado. Desprende-te de todos esses vãos embelezamentos que te consomem um tempo tão precioso: visitas inúteis, concorrências de ociosidade, contínua assistência ao jogo, diversões vãs e frívolas, livros de mera curiosidade sem outro fruto, conversações sem substância que só servem para perder tempo. Assim o ânimo como o corpo necessitam de algum desafogo e de alguma diversão; mas esta mesma diversão e este mesmo desafogo podem ser de muita utilidade. *Aos que amam a Deus todas as coisas se lhes convertem em bem*, diz o Apóstolo. Nada faças, nada empreendas que não haja de servir para tua salvação. Muitos santos costumavam perguntar-se de quando em quando a si mesmos em meio de suas ocupações: «E isto de que servirá para a outra vida?» *Quid hæc ad æternitatem?* Tem tu o mesmo costume e dize-te a ti mesmo muitas vezes ao dia: *Porro unum est necessarium*: sobretudo, não há mais que uma coisa necessária.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:49 by Admin